

Desviando da norma: experiências de bioidentidades e normatização em uma comunidade virtual sobre dislexia

Deviating from the norm: experiences of bioidentities and normatization in a virtual community on dyslexia

Desviarse de la norma: experiencias de bioidentidades y normatización en una comunidad virtual sobre dislexia

Gisela Alves Paulo Faria^{1,a}

sesogisela@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-8286-9927>

André Pereira Neto^{2,b}

andreperieraneto@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-3631-8857>

Leticia Barbosa^{2,c}

leticiatbs@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-7341-260X>

¹ Prefeitura de Vassouras, Secretaria de Assistência Social de Vassouras. Vassouras, RJ, Brasil.

² Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Mestrado em Informação e Comunicação pela Fundação Oswaldo Cruz.

^b Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

^c Doutorado em Informação e Comunicação pela Fundação Oswaldo Cruz.

RESUMO

A biomedicina tem se ocupado cada vez mais de questões da vida humana que não eram vistas como problema de saúde. Nesse processo, dificuldades relacionadas à aprendizagem e ao domínio das normas da linguagem passaram a ser classificadas como ‘dislexia’ por esse campo. Atualmente as pessoas têm buscado espaços *on-line* para procurar informações e se conectar com outros indivíduos que compartilham a mesma condição de saúde ou doença. Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa que visou analisar a experiência de sujeitos denominados como disléxicos ou próximos a esse diagnóstico que integram a comunidade virtual *amigosedislexia.com*, organizada no Facebook. Metodologicamente, este trabalho baseou-se na abordagem qualitativa com caráter exploratório, realizando uma análise de conteúdo temática. Foram classificadas e analisadas as postagens dos ‘influenciadores digitais’ da comunidade. Esta pesquisa permitiu identificar quatro perfis de comunicação presentes no ambiente analisado, a saber: “acolhedor”, “poster cidadão”, “clínico/especialista” e “alteridade”.

Palavras-chave: Medicalização; Dislexia; Redes sociais *on-line*; Acesso à informação *on-line*; Mídias sociais.

ABSTRACT

Biomedicine has been increasingly concerned with issues of human life that were not seen as a health problem. In this process, difficulties related to learning and mastery of language norms came to be classified as 'dyslexia' by this field. Today, people are looking for online spaces to search for information and connect with other individuals who share the same health condition or illness. In this article, we present the results of a research that aimed to analyze the experience of subjects named as dyslexic or close to this diagnosis who are part of the virtual community *amigosedislexia.com*, on Facebook. In terms of methodology, this work was based on exploratory research with qualitative approach, conducting a thematic content analysis. Posts from the community's 'digital influencers' were classified and analyzed. This research allowed us to identify four communication profiles present in the analyzed environment, namely: 'welcoming', 'citizen poster', 'clinician/specialist' and 'otherness'.

Keywords: Medicalization; Dyslexia; Online social networking; Online access to information; Social media.

RESUMEN

La biomedicina se ha preocupado cada vez más por cuestiones de la vida humana que no se consideraban un problema de salud. Así, dificultades relacionadas con el aprendizaje y el dominio de las normas del lenguaje llegaron a ser clasificadas como 'dislexia' por este campo. Hoy, las personas buscan espacios en línea para buscar información y conectarse con otras que comparten la misma condición de salud o enfermedad. Presentamos los resultados de una investigación que analizó la experiencia de sujetos denominados como disléxicos o cercanos a este diagnóstico que forman parte de la comunidad virtual *amigosedislexia.com*, en Facebook. Metodológicamente, este trabajo se basó en un enfoque cualitativo con carácter exploratorio, realizando un análisis de contenido temático. Las publicaciones de los 'influencers digitales' de la comunidad fueron clasificadas y analizadas. Esta investigación permitió identificar cuatro perfiles comunicativos presentes en el entorno analizado, a saber: 'bienvenida', 'poster ciudadano', 'clínico/especialista' y 'alteridad'.

Palavras clave: Medicalización; Dislexia; Redes sociales *online*; Acceso a la información en línea; Medios de comunicación sociales.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Gisela Alves Paulo Faria, André Pereira Neto.
Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Gisela Alves Paulo Faria, André Pereira Neto.
Redação do manuscrito: Gisela Alves Paulo Faria, André Pereira Neto.
Revisão crítica do conteúdo intelectual: Leticia Barbosa.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 28 set. 2021 | aceito: 05 mar. 2022 | publicado: 30 jun. 2022.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

Segundo Czeresnia, Maciel e Oviedo (2016), os conceitos de ‘saúde’ e ‘doença’ mudam conforme o contexto histórico, a partir dos limites e das possibilidades concretos, objetivos e discursivos postos pelas relações econômicas, sociais e políticas em curso. Na atualidade, a biomedicina tem abarcado cada vez mais questões da vida humana que não eram vistas como problemas de saúde (SANCHES; AMARANTE, 2014; CAPONI *et al.*, 2010; ROSE, 2013). Nesse contexto, é importante considerar como se configuram o conceito de dislexia e os sujeitos implicados, diagnosticados ou com suspeita da condição.

A constituição do conceito de dislexia ocorreu entre o fim do século XIX e o início do século XX, a partir dos primeiros relatos sobre casos envolvendo áreas específicas do cérebro relacionadas ao processo de leitura (SHAYWITZ, 2008; VALETT, 1990; ROTTA; PEDROSO, 2016; SNOWLING, 2004). Ao longo do tempo, a definição da dislexia no discurso biomédico passou de lesão mínima de forma adquirida (trauma neurológico) para transtorno de linguagem de base congênita e neurológica (SHAYWITZ, 2008; VALETT, 1990; ROTTA; PEDROSO, 2016). Paulatinamente, a dislexia foi se transformando em uma patologia com características próprias que necessitava de intervenção terapêutica.

Na segunda metade do século XX, a dislexia passou a ser observada a partir de seus aspectos comportamentais. Com o apoio da psicologia cognitiva, foram desenvolvidos testes complementares com base no ‘nível QI/idade’. Com eles, procurava-se avaliar o desempenho dos casos com dificuldade/inabilidade específica da leitura (SNOWLING, 2004).

O campo da biomedicina não se conformou com essa proposição de base comportamental. A neurologia destacou-se como fundamental para a classificação nosológica da dislexia. O exemplo disso pode ser observado pelo fato de a Federação Mundial de Neurologia (World Federation of Neurology) apresentar, no fim da década de 1960, a dislexia como um distúrbio caracterizado pela dificuldade no aprendizado da leitura que não está associado ao nível de escolaridade, às condições socioculturais ou à inteligência, mas às incapacidades cognitivas fundamentais e constitutivas do indivíduo (SNOWLING, 2004).

O conceito, o diagnóstico e o tratamento da dislexia não estão isentos de controvérsias, sendo objetos de debate entre pesquisadores. Eles também não podem ser entendidos fora do contexto da medicalização, cada vez mais presente na sociedade. A medicalização é o processo de definir, descrever, compreender e agir sobre determinado problema ou situação a partir do saber médico (CONRAD, 1992). Nesse sentido, é possível notar que a dislexia, como prática desviante da norma em relação às expectativas do aprendizado, passou a ser compreendida e manejada pela biomedicina (RUBINO, 2008).

Alguns trabalhos têm reconhecido a importância da dimensão neurobiológica no processo de saúde. Eles, entretanto, tecem críticas à concepção biomédica, que tende a reduzir os sujeitos aos seus mecanismos cerebrais e a ignorar os fatores ambientais e sociais que operam no neurodesenvolvimento (LAMEGO; MOREIRA, 2019; VIDAL; ORTEGA, 2019).

Massi e Santana (2011) propõem a desconstrução do conceito biomédico de dislexia. Na perspectiva das pesquisadoras, o problema da homogeneização operada pela instituição escolar e pelas ciências de saúde considera um padrão linear de aprendizado. As autoras atentam que a aquisição da escrita e da leitura apresenta questões relativas à prática social, desconsideradas no contexto clínico da dislexia. Nele, as singularidades e a heterogenia relativas à aquisição da leitura formam parte da sintomatologia de um distúrbio (MASSI; SANTANA, 2011).

Atualmente, pessoas diagnosticadas ou com suspeita de dislexia têm buscado cada vez mais espaços *online* para procurar informação e se conectar com outros indivíduos que compartilham a mesma condição.

O acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) tem aumentado na última década no Brasil (CGI.BR, 2020; LIMA; OYADOMARI, 2020). A internet está cada vez mais presente na vida das

pessoas, intermediando a realização de diferentes atividades (CASTIEL; VASCONCELLOS-SILVA, 2003; HAN, 2019). Ela tem sido um dos principais recursos utilizados por indivíduos para lidar com uma doença ou condição de saúde.

Entre os seus diversos efeitos, a disseminação das TICs tem contribuído para a formação de grupos ou comunidades *on-line* sobre saúde. Esses ambientes se organizam em torno do debate sobre uma doença ou condição de saúde, reunindo pacientes, cuidadores e demais interessados em acessar e compartilhar informação sobre o tema (FROSSARD; DIAS, 2016; PEREIRA NETO *et al.*, 2015). Eles viabilizam e facilitam o acesso, a produção e o compartilhamento de informações, conhecimentos e experiências sobre diferentes aspectos de uma situação de saúde. Frossard e Dias (2016) afirmam que tais ambientes podem ser caracterizados como “grupos de autoajuda/ajuda mútua ou grupos de defesa de direitos (*advocacy groups*) e grupos de ativistas” (FROSSARD; DIAS, 2016, p. 350).

Geralmente os grupos ou comunidades *on-line* são organizados por meio de plataformas de redes sociais, como Facebook, WhatsApp, entre outras (SANTOS *et al.*, 2017; HESSE *et al.*, 2010). Pesquisas têm sido conduzidas para investigar esses ambientes, principalmente aqueles compostos por pacientes que apresentam uma doença ou condição de saúde crônica ou estigmatizante (SANTOS *et al.*, 2017; FERNANDES; CALADO; ARAUJO, 2018).

Segundo Pereira Neto *et al.* (2019, 2015), as comunidades virtuais podem servir para o acolhimento, a solução de dúvidas, o compartilhamento de desabafos e aflições e para a troca e o apoio. A sensação de anonimato e a distância também podem ser fatores que contribuem para a interação e a comunicação entre pessoas em tais ambientes. Nesse sentido, comunidades podem se constituir enquanto um espaço seguro ou um *locus* de expressão de estilo de vida e identidade (RAMOS; PEREIRA NETO; BAGRICHEVSKY, 2011).

É importante atentar que a ordem biomédica se faz presente nas comunidades de pacientes organizadas por meio da internet, uma vez que grande parte das informações *on-line* sobre saúde é intermediada por ela (ORTEGA, 2009; GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008; FOX; WARD; O’ROURKE, 2005). Ela tende a orientar as práticas de autocuidado de pessoas que convivem com uma doença ou condição de saúde, inclusive no contexto dos ambientes *on-line*, onde indivíduos poderiam acessar e compartilhar outros tipos de saberes e conhecimentos não biomédicos (FROSSARD; DIAS, 2016; PEREIRA NETO *et al.*, 2015, 2019). A ordem biomédica também está presente na construção e na negociação identitária dos sujeitos.

É nesse contexto marcado pela normatização, pela hegemonia biomédica e pelo uso das TICs que se encontra o debate sobre a dislexia que atravessa este trabalho.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório, visando proporcionar maior familiaridade com um determinado assunto e focar em aspectos ainda poucos explorados sobre ele no âmbito acadêmico. Essa pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS), ofertado pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz.

Em relação à dislexia, há poucas produções acadêmicas que se debruçam sobre a experiência e os pontos de vista dos sujeitos classificados como disléxicos ou que se identificam com disléxicos no que tange o uso das TICs. Nesse sentido, o estudo buscou explorar a dimensão comunicacional entre indivíduos que participam de um grupo *on-line* sobre tal condição. Considerando os métodos disponíveis na abordagem qualitativa, selecionamos a análise de conteúdo temática. Utilizamos como referência as discussões realizadas por Bardin (1977), Moraes (1999), Campos (2004), Franco (2005), Braun e Clarke (2006) e Gomes (2016).

Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo engloba a apreciação, o tratamento e a extração de conteúdos, a partir dos diferentes formatos da linguagem humana. A autora afirma esse método pode

ser aplicado desde que haja comunicação e troca de mensagens. Assim, seu objeto pode ser documentos, monólogos ou diálogos, em suporte escrito ou oral.

A análise de conteúdo pode ser quantitativa ou qualitativa. Em ambas as abordagens, as categorias analíticas são construídas considerando-se os dados e a relação entre os significados do texto e do contexto (MORAES, 1999). No estudo, adotamos a abordagem qualitativa, que engloba procedimentos de descrição e interpretação, sendo direcionada para a compreensão.

Além de ser qualitativa, procedemos com a análise de conteúdo do tipo temática. Ela identifica as principais tendências, ou temas, em um conjunto de dados. Nela, temas são considerados como padrões construídos, a partir dos núcleos de sentidos presentes nos dados, apresentando uma relação com os contextos. Nessa linha, o pesquisador é o responsável por identificar e revisar os temas com transparência, rigor e homogeneidade (BRAUN; CLARKE, 2006; GOMES, 2016).

Adotamos alguns procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa. Tínhamos como objetivo analisar uma comunidade virtual que reunisse cidadãos com dislexia e/ou interessados nesse tema. Para tanto, realizamos uma busca na plataforma do Facebook, procurando identificar um grupo *on-line* que contasse com a participação de sujeitos classificados como disléxicos e no qual os participantes interagissem ativamente.

Para a seleção do ambiente, realizamos uma busca na categoria ‘comunidades’. Nela são exibidos grupos formados por usuários com interesses em comum. Em seguida, utilizamos o descritor ‘dislexia’ na ferramenta de busca da plataforma e filtramos grupos públicos. Em agosto de 2020, foram identificadas 41 comunidades virtuais sobre dislexia.

A partir dos resultados obtidos, selecionamos o grupo *amigosedislexia.com* (2011). Essa escolha se justifica por diferentes razões. Por um lado, trata-se de um grupo que contava com mais de 8 mil participantes. Além disso, ele apresentava publicações diárias, configurando-se como ambiente ativo. Também se tratava de um grupo público, ou seja, acessível a qualquer pessoa, membros ou não.

A extração de dados foi feita por meio de *prints* de tela do computador. Excetuando as propagandas de livros e produtos, foram coletadas as postagens realizadas no período entre fevereiro e julho de 2020. Ao realizar esse processo, tivemos o cuidado de preservar o anonimato do pesquisador e dos integrantes da comunidade virtual. Por essa razão, foram apagados nomes, fotos e dados de endereço e telefone presentes nas postagens e nos comentários de todos os participantes. Os nomes utilizados pelos participantes foram substituídos por codinomes formados por letras. Assim, obedecemos às diretrizes presentes na resolução n. 510, de 7 de abril de 2016, aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

A captura das telas contendo as postagens foi feita em agosto de 2020. Foram identificadas 248 postagens realizadas no período selecionado. Diante desse grande número, utilizamos as ferramentas Excel e CorelDRAW para a organização dos dados. Isso possibilitou construir um banco de dados com a seguinte divisão: data, reações, comentários e compartilhamentos.

Para realizar uma análise qualitativa mais apurada, optamos por restringir a base empírica a 132 *posts*, publicados por três participantes específicos na comunidade virtual *amigosedislexia.com*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizar uma primeira leitura do material coletado, constatamos que mais da metade dos *posts* foi feita por três participantes: ET, DX e MC.¹

Eles podem ser considerados “influenciadores digitais” (KARHAWI, 2016, p. 40) dessa comunidade. Segundo Karhawi (2016), a figura do influenciador digital é associada às mídias digitais, à cultura de

1 MC exercia a função de administradora do ambiente virtual no momento da realização da pesquisa.

participação configurada pelo acesso à comunicação *on-line* e à possibilidade de as pessoas criarem conteúdos que serão vistos, compartilhados e ressignificados.

Karhawi (2016) atenta que, para que alguém possa ser considerado um “influenciador digital”, deve-se avaliar a reunião de algumas características, entre elas o fato de produzir “[...] conteúdos temáticos, com frequência e credibilidade” (KARHAWI, 2016, p. 43). Ao agrupar essas particularidades, o influenciador é considerado, pelo autor, uma “mídia autônoma” (p. 43), sendo associado a um novo perfil de profissional da comunicação. Este conceito visa diferenciar determinados sujeitos que se destacam em um ambiente virtual onde, em tese, todos têm a mesma oportunidade de produzir conteúdo. Influenciadores constroem conteúdos que abrangem um alcance maior, tecendo uma relação de confiança com seus seguidores, que geralmente consideram suas opiniões. A interlocução que estabelecem tem credibilidade, reputação e prestígio (KARHAWI, 2016).

A influenciadora ET foi o membro que mais publicou no grupo, totalizando 83 postagens. Suas contribuições englobaram reflexões sobre sofrimento, angústia, superação, sucesso e outros sentimentos experimentados por sujeitos disléxicos, a partir de relatos de pessoais de superação, discriminação sofrida e mensagens de apoio emocional. Ela também se destacou pelo uso de metáforas, histórias e poesias (Figura 1).

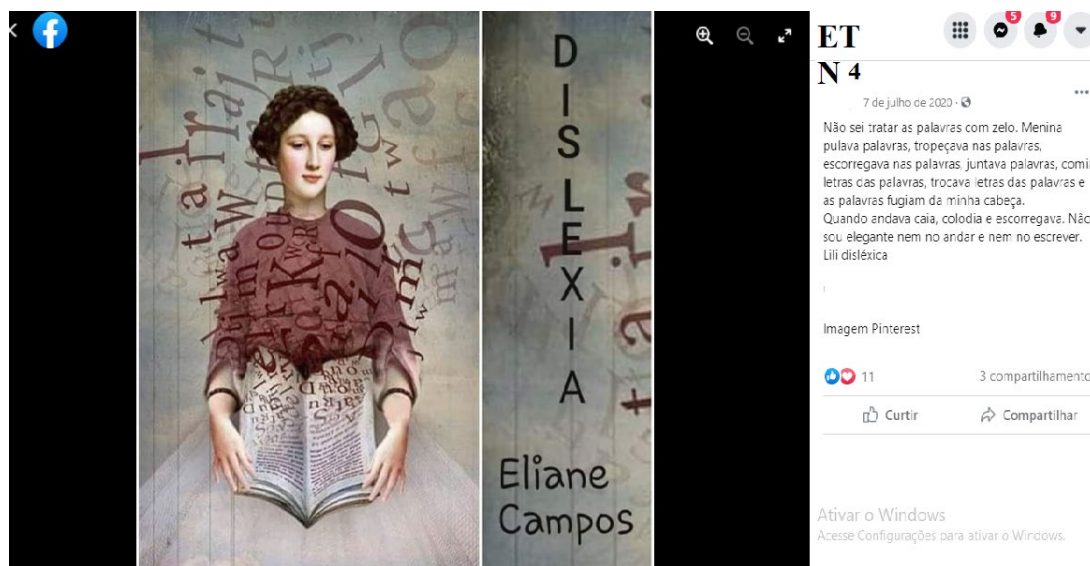


Figura 1 – Post da influenciadora ET realizado na comunidade virtual *amigosedislexia.com*
Fonte: Não sei tratar as palavras com zelo (2020).

Já o influenciador DX realizou 18 postagens na comunidade durante o período analisado. Ele utilizou metáforas para mobilizar suas noções a respeito da dislexia. Suas postagens indicavam uma intenção de mobilização em torno de direitos e garantias formais para o atendimento das necessidades especiais de ensino de pessoas disléxicas. Tal postura esteve relacionada com sua experiência de dificuldades de aprendizagem, entendida como um sintoma da dislexia. Isso pode ser observado em um *post* sobre os direitos dos disléxicos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) (Figura 2).

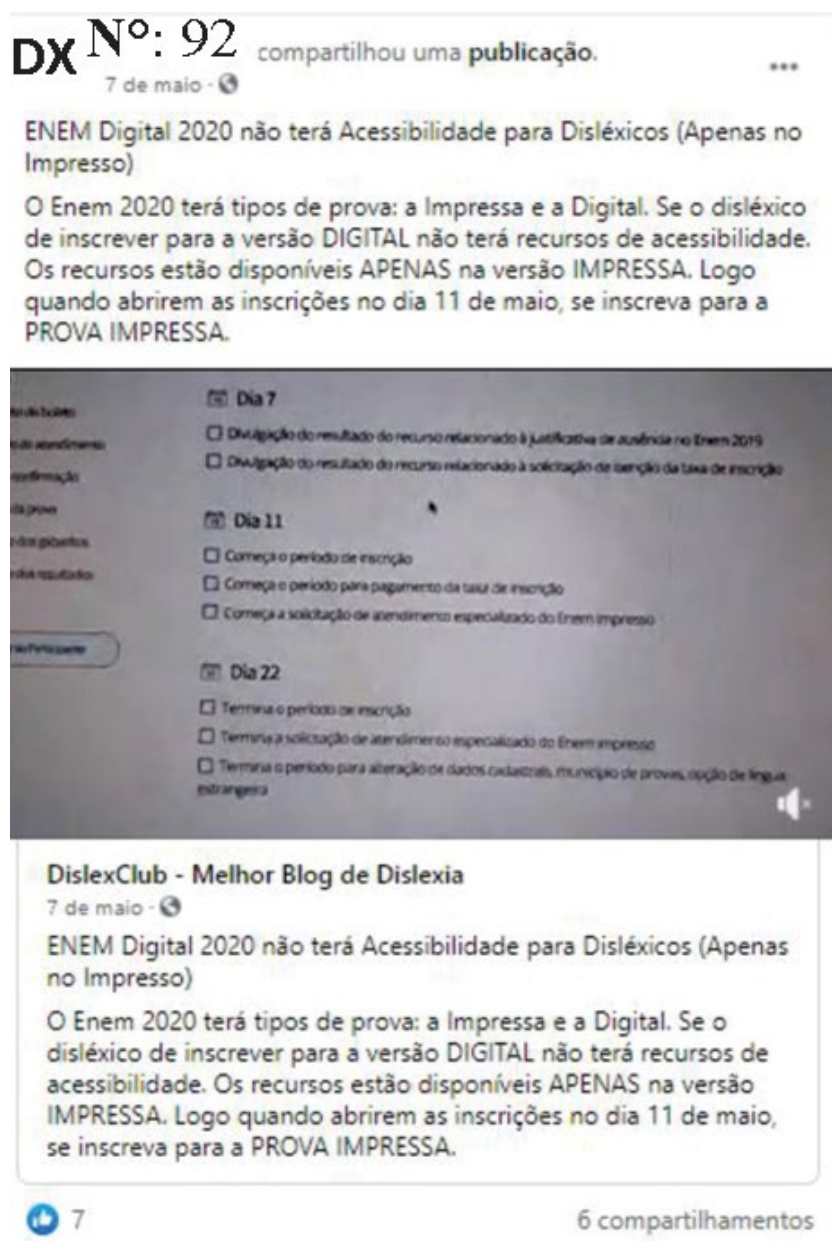


Figura 2 – Post do influenciador DX realizado na comunidade virtual amigosedislexia.com
Fonte: ENEM Digital 2020 não terá acessibilidade para disléticos (apenas no impresso) (2020).

A influenciadora MC, por sua vez, realizou 31 publicações. Suas postagens se destacaram pelo uso do discurso biomédico, com citações de autores da literatura especializada, além de recomendações terapêuticas e explicações conceituais. Algumas delas apresentavam texto com conceitos, sintomas e tratamentos sobre a dislexia. Um dos exemplos, nesse sentido, é um *post* com a recomendação de um documentário (Figura 3).



Figura 3 – Post da influenciadora MC realizado na comunidade virtual amigosedislexia.com
Fonte: Viagem dentro da dislexia (2020).

Em relação às publicações coletadas, as 132 postagens que serviram de base para nossa análise foram agrupadas segundo seus perfis de atuação predominantes. Algumas publicações corresponderam a mais de um perfil. Esse agrupamento seguiu, em linhas gerais, as referências apresentadas por Pereira Neto e colaboradores (2019).

Neste trabalho, os autores trazem reflexões sobre a relação entre empoderamento e biomedicina em duas comunidades virtuais de pacientes renais crônicos. A partir de uma imersão nos grupos *on-line*, eles identificaram três perfis de atuação no ambiente entre os participantes: “acolhedor”, “clínico” e “cidadão” (PEREIRA NETO *et al.*, 2019). Esses perfis de atuação pareceram pertinentes para a construção das categorias temáticas na análise do material coletado no grupo amigosedislexia.com. Assim, baseado no trabalho de Pereira Neto *et al.* (2019), construímos quatro perfis de atuação na comunidade virtual analisada. São eles: ‘acolhedor’, ‘poster cidadão’, ‘clínico/especialista’ e ‘alteridade’.

O perfil 'acolhedor'

As postagens definidas como 'acolhedor' se voltavam para oferecer apoio, conforto, solidariedade e ajuda no intuito de enfrentar as dificuldades vividas pelo sujeito disléxico. Elas apresentam histórias de sofrimento, incentivo à superação, exemplos de sucesso e meios de apoio compensatório em relação às dificuldades de aprendizagem geralmente associadas à dislexia.

Na análise do material empírico, identificamos algumas nuances entre as 107 postagens desse perfil. Desse modo, construímos algumas subdivisões no perfil 'acolhedor'.

As postagens da subdivisão 'experiências de sofrimento' apresentam relatos que revelam a dor e o sofrimento daqueles que, apesar do esforço, não conseguem corresponder às normas vigentes do processo ensino-aprendizagem. Esses relatos evidenciaram a sensação de inferioridade, derrota, raiva, frustração e vergonha vivenciada por pessoas com dislexia ao cometer erros de grafia e trocas silábicas, devido à sua dificuldade de utilizar as linguagens falada e, sobretudo, escrita, segundo a norma-padrão do idioma.

A partir dessas publicações, observamos que os sofrimentos experienciados pelos participantes reverberavam em diferentes espaços da vida social. A postagem a seguir exemplifica tal observação:

Na minha primeira confissão disse ao padre que tinha brigado com uma amiguinha. Ele disse: "Você tem que ficar de bem". Eu retruquei: "Não vou." Como ele insistiu, concordei. Como penitência tive que rezar três Ave Marias e três Padre Nossos. Eu omiti os meus pecados como disléxica: ter tirado o sossego da minha mãe, na sua tentativa de me ensinar a ler e escrever, não ser a filha sonhada pelo meu pai, que sempre dizia: "Você não sabe de nada"; ser diferente dos meus irmãos, não ser uma aluna padrão na escola, nem mesmo nas aulas de catecismo. A igreja da minha infância era Nossa Senhora da Paz. Acho que muitas vezes fui lá à procura de Paz.² (Influenciadora digital ET)

Nessa publicação, notamos que as dificuldades de aprendizagem, consideradas pelos sujeitos como produto da dislexia, são vistas como demérito no círculo social do indivíduo. À medida que a pessoa frustra expectativas culturais, há uma introjeção da experiência como atípica e dolorosa. O conceito de normatização discutido por Canguilhem (2009) nos ajuda a compreender esse processo. Segundo o autor, há determinados modelos de comportamento biológico e social. Neles, o estabelecimento da média como uma norma é atravessado por uma dimensão qualitativa, estando, portanto, associado a valores sociais e culturais (CANGUILHEM, 2009). Nesse contexto, as categorias diagnósticas das patologias são entendidas como desvios que variam, em diferentes graus, dos comportamentos estabelecidos como norma. Assim, a experiência de desviar da média implicaria viver uma vida qualitativamente diferente (CANGUILHEM, 2009).

Nesse sentido, é possível observar, na postagem anterior, que as experiências de longa duração, como as dificuldades da linguagem e da aprendizagem, afetam a vida dos sujeitos, mesmo que não tenham o diagnóstico de dislexia confirmado por um profissional de saúde. O compartilhamento de conhecimentos, oriundo das experiências, realizado entre pares, já havia sido observado em estudos anteriores. Em sua pesquisa, Lamego e Moreira (2019), ao investigar pessoas diagnosticadas com dislexia que participavam de uma comunidade virtual sobre o assunto, apontam que a vivência das dificuldades associadas à condição pode ser considerada uma expressão da experiência.

Corrêa e Lima (2018), ao analisar um grupo *on-line* sobre bipolaridade, reconhecem que as comunidades virtuais podem ser entendidas como um lugar propício no qual os sujeitos implicados compartilham seus conhecimentos. Já Frossard e Dias (2016) apontam que, em grupos *on-line* organizados por interesses de saúde, indivíduos não só consomem informações, como também compartilham conhecimentos relacionados à vivência da doença, muitas vezes assumindo a figura do 'especialista em experiência'.

2 Mantivemos a ortografia conforme está disponível na postagem.

A subdivisão ‘incentivo à superação’ reúne postagens que visavam estimular os interlocutores a superar os obstáculos emocionais produzidos pelas dificuldades de aprendizagem. Em tais publicações, os depoentes apresentavam modos de lidar com sintomas geralmente associados à condição da dislexia, como erros no processo da leitura e escrita. Assim, essas postagens ofereciam aos participantes da comunidade mensagens de apoio baseadas no conforto, na paciência e na esperança.

A subdivisão ‘possibilidades de sucesso’ engloba relatos que ratificam a ideia e a possibilidade de pessoas consideradas disléxicas serem referência de sucesso em diferentes campos da sociedade. Para tanto, as publicações citavam nomes de pessoas famosas ou utilizavam as imagens delas. Ao fazê-lo, buscavam reforçar a noção de que, mesmo com as dificuldades impostas pela dislexia, é possível se destacar e obter êxito profissional. Assim, mencionavam-se nomes de pessoas públicas que tinham supostamente dislexia e, ainda assim, alcançaram sucesso em suas carreiras, como Albert Einstein, Fernanda Young, Agatha Christie, entre outros.

A subdivisão ‘apoio compensatório’ agrega postagens que, alinhadas às recomendações de especialistas sobre o tratamento da dislexia, reforçavam a necessidade de pessoas disléxicas treinarem a leitura e a escrita. Nesse sentido, as publicações divulgavam materiais pedagógicos diversos e disponíveis gratuitamente na internet, poesias e pequenas histórias infantis. Assim, elas ofereciam insumos aos participantes da comunidade virtual, reiterando a necessidade de maior reforço e estímulo, sobretudo para o desenvolvimento da criança com dislexia.

Cabe destacar o lugar que a dimensão biomédica ocupa nas postagens do perfil ‘acolhedor’. O discurso biomédico apresenta uma explicação neurobiológica para as dificuldades de linguagem e aprendizagem experimentadas pelos sujeitos. Essas dificuldades passam a ser entendidas como sintomas da condição disléxica. É importante atentar que, no paradigma biomédico, os sintomas da dislexia são descritos a partir de uma visão pragmática e impessoal, configurando um discurso supostamente objetivo, neutro e cartesiano (CZERESNIA; MACIEL; OVIEDO, 2016). Esse aspecto discursivo não foi um destaque na categoria ‘acolhedor’. Nessas publicações, a prescrição biomédica sobre o assunto não esteve presente de forma explícita e objetiva.

Observamos uma conexão entre as subcategorias ‘experiências de sofrimento’ e ‘incentivo à superação’. Em um mesmo *post*, identificamos que havia núcleos de sentidos que remetiam a ambas as subcategorias. A postagem n. 50 é um exemplo de tal relação:

A dislexia foi uma pedra no meu caminho. Levei várias topadas. Elas me ajudaram a ser uma pessoa persistente, a escolher a minha profissão e a ser amante do LIVRO. Fiz das pancadas alegria de viver e admiradora das artes. (Influenciadora digital ET).

Nessa publicação, verificamos que as duas primeiras frases correspondem à experiência de sofrimento. Para expressar esse sentimento, a influenciadora ET utilizou uma metáfora: “A dislexia foi uma *pedra* no meu caminho”. Esse trecho é seguido por outro que aponta um incentivo à superação: “Fiz das pancadas alegria de viver e admiradora das artes”. Nessa frase, a participante parece preocupada em não demonstrar uma visão derrotista ou pessimista; com isso, encorajou os demais interlocutores que estão na comunidade virtual. Em vez de se conformar com os obstáculos impostos por aquilo que considera dislexia, como as “topadas” que levou devido à sua condição, ela transformou as dificuldades em alegria, persistência, admiração pelas artes. Desse modo, em sua postagem, estão presentes, além do relato de sofrimento, o apoio e o encorajamento para que os demais participantes se mantenham esperançosos diante de um diagnóstico, inspirando uma perspectiva de superação.

Portanto, o perfil de atuação ‘acolhedor’ e as suas subdivisões não só se destacam devido ao volume de publicações como também indicam a constituição da comunidade virtual como um ambiente de acolhimento, desabafo e apoio. Essa dimensão permite caracterizar o ambiente *on-line* enquanto grupo de autoapoio/ajuda mútua (FROSSARD; DIAS, 2016). Segundo Frossard e Dias (2016), os grupos *on-line* de autoapoio/ajuda mútua visam promover entre os participantes habilidades que contribuam para a gestão da condição de saúde “[...] por meio do compartilhamento de experiências. O empoderamento dos grupos de autoajuda/ajuda mútua resulta da valorização de suas experiências como uma forma de conhecimento” (FROSSARD; DIAS, 2016, p. 351).

O perfil ‘poster cidadão’

O segundo perfil de atuação identificado no material analisado foi denominado ‘poster cidadão’. Compreende pôsteres que apresentam em suas publicações indicativos de ativismo em torno da condição das pessoas com dislexia, valorizando a relevância da informação e da mobilização social. As mensagens desse perfil se destacam pela referência aos direitos dos disléxicos e pela divulgação de meios de acesso às políticas de equidade para a garantia do atendimento das necessidades especiais de ensino. Algumas postagens também incentivavam a mobilização para conquistas de direitos formais destinados a pessoas consideradas disléxicas, além de indicarem estratégias de como fazê-lo. Essa categoria foi organizada a partir de duas subdivisões, ‘informação e esclarecimento’ e ‘mobilização social’, apresentadas a seguir.

A subdivisão ‘informação e esclarecimento’ abarca postagens que têm como objetivo informar os participantes do grupo a respeito dos direitos dos disléxicos. Tais publicações reforçavam a importância do conhecimento dos direitos e das garantias legais que podem ser acionadas por pessoas com dislexia. Nelas, as necessidades especiais de ensino foram consideradas legítimas, e a pessoa com dislexia era entendida como elegível para o acesso às políticas de equidade social. Um exemplo foram as postagens sobre os direitos de candidatos diagnosticados com relação à realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A subdivisão ‘mobilização social’ denota a mobilização em torno da defesa do saber biomédico sobre a condição e o direcionamento para a conquista de direitos e garantias jurídicas legais. Elas também buscavam despertar nos interlocutores a importância da mobilização social em torno de políticas públicas voltadas para condições especiais de ensino. Nelas, não identificamos conteúdos que questionassem ou discordassem da posição hegemônica dos campos da saúde e da educação sobre a condição. Pelo contrário, foi identificada a defesa do ponto de vista biomédico. Isso pode ser observado, por exemplo, no *post* n. 88:

Quando alguém virar para você e falar que dislexia não existe, que seria tudo frescurinha ou mimimi, responda:

Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – 5ª Edição (DSM 5; Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), caracteriza a dislexia como “comprometimento acentuado no desenvolvimento das habilidades de reconhecimento das palavras e da compreensão da leitura”. (DSM 5 à página 32 da 5ª edição brasileira, 2014). Em outra classificação, na seção de Saúde Mental do CID 10 – Código Internacional de Doenças (2016) da Organização Mundial da Saúde, documento de referência para classificação e diagnóstico em saúde nos países integrantes desse órgão do sistema ONU, a dislexia está presente sob a classificação CID10-R48 “Dislexia e outras disfunções Simbólicas” e CID10-R48.0 “Dislexia e Alexia”. A presença em tais classificações demonstra que a dislexia é um transtorno de aprendizagem reconhecido por órgãos internacionais.

Eu não costumo trazer dados científicos aqui, pois acho muito danço [denso], mas se vocês pedirem muito nos comentários, posso trazer mais informações técnicas nas próximas vezes. #Dislexia #Dislexicos. (Influenciador digital DX).

Algumas das correntes da área de ciências sociais e humanas são favoráveis à desconstrução do conceito biomédico da dislexia (MASSI; SANTANA, 2011; FREIRE, 1997; SIGNOR, 2015). No entanto, o autor da postagem anterior apresenta uma perspectiva que reitera a concepção biomédica sobre a condição.

Observamos que, na postagem, a experiência com as dificuldades de aprendizagem de longa duração e a explicação biomédica foram consideradas suficientes para refutar o argumento de que a dislexia “*não existe*” ou que é uma “*frescurinha*”. Desse modo, para defender seu ponto de vista, o influenciador digital DX utilizou termos e informações presentes em documentos oficiais de autoridades científicas, como Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DMS), da Associação Americana de Psiquiatria, e a Classificação Internacional de Doenças (CID), da Organização Mundial da Saúde. Embora sua argumentação tenha se baseado em dados científicos ao final do *post*, ele fez um adendo: “*Eu não costumo trazer dados científicos aqui*”.

Considerando esse cenário, o conteúdo produzido pelos influenciadores digitais da comunidade analisada apontou para a dimensão da cidadania biológica, típica da medicalização, trazendo marcas de reivindicação política.

A mobilização das pessoas em prol dos direitos também abrange aqueles relacionados à garantia de aspectos médicos. Em relação ao saber derivado da experiência e de seus atravessamentos com saberes científicos, notamos similaridade com o conceito de medicalização enquanto processo irregular (CONRAD; BARKER, 2013). Sobre a medicalização, Conrad e Barker (2013) argumentam que tal processo é irregular, pois não é pautado tão somente pela medicina. Ele envolve outras ciências e atores, como as indústrias farmacêutica e diagnóstica, que também operam e articulam interesses. Além de ser irregular, a medicalização também está relacionada à cidadania biológica (RABINOW; ROSE, 2006). Trata-se da prática de pessoas, associações de pacientes e movimentos sociais em prol de mais direitos, de maior assistência e mais pesquisas médicas relacionada às especificidades biológicas. Nesse contexto, os indivíduos se mobilizam pelo exercício da cidadania, atuando como sujeitos políticos para pressionar as ciências da vida a mudar concepções, tratar e produzir conhecimento. Pressionam também o Estado a instituir e ampliar o acesso a intervenções, direitos e garantias jurídico-legais relacionadas à saúde (RABINOW; ROSE, 2006). Nessa perspectiva, a cidadania biológica esteve presente nesse perfil de atuação.

O perfil ‘clínico/especialista’

O terceiro perfil de atuação identificado foi o ‘clínico/especialista’. Ele apresenta postagens que revelam um conhecimento especializado em relação à dislexia. As publicações desse perfil continham orientações acerca do conceito, do diagnóstico e dos tratamentos. Nessas postagens, a autoridade médica apresenta-se como concorrente com outras profissões. Fica evidente uma divisão social do trabalho. Na dislexia, a autoridade médica geralmente diagnostica e emite laudo, depois de uma avaliação multidisciplinar (ALVES *et al.*, 2011). Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2016), o profissional médico não atua no tratamento. A autoridade terapêutica é exercida por outros profissionais, como o pedagogo, o neuropsicólogo, o psicopedagogo e o fonoaudiólogo. Portanto, os pacientes se submetem a diferentes especialistas, que geralmente atuam sob a direção da perspectiva biomédica. Com isso, o perfil de atuação ‘clínico/especialista’ expressou significados associados ao consumo de conhecimento dessas especialidades.

Ainda que abranja outras especialidades, esse perfil apresenta características similares ao perfil clínico identificado por Pereira Neto e colaboradores (2019) em comunidades de pacientes renais crônicos. Uma delas está associada ao esforço que os influenciadores digitais faziam para traduzir o conhecimento científico para os demais integrantes de uma forma mais simples. Além disso, similar a Pereira Neto *et al.* (2019), identificamos nesses *posts* que os sujeitos recorriam a fontes confiáveis para embasar suas argumentações.

Foram identificadas postagens baseadas na posição de especialistas no assunto, visando oferecer aconselhamentos e informações. O *post* n. 118 é um exemplo:

“Fazer com que a criança pratique a leitura de poesia é um método excelente para melhorar a fluência. Os poemas geralmente rimam, são curtos e perfeitos para ler rapidamente e com expressividade.”

Sally Shaywitz

Seria muito bom para as crianças disléxicas e leitores iniciantes se fossem editados livros com uma única poesia. Elas resistem a ler livros com muitas páginas e muito textos, e se encantariam ao ler livro com uma só poesia. Iriam ler, reler e se deliciariam.

Os livros de poesia, como os de Cecília Meireles, Ricardo Azevedo, Léo Cunha, Roseana Murray, Pedro Bandeira, Sérgio Capparelli, Vinicius [de] Moraes, Marcelo Xavier, Marina Colassanti, Sidônio Muralha, Lalau e Eucanaã Ferraz são verdadeiros Tesouros. O mercado editorial é carente de livros curtos de boa qualidade. As crianças precisam desses livros para consolidarem a aquisição da leitura. Os livros de poucas páginas e poucos textos elas leem sem resistência e com prazer. Muitas das poesias que se encontram nesses tesouros poderiam ser editadas em vários livros.

De livrinho em livrinho, chegarão ao livrão.

*No consultório, tenho um livro do Ricardo Azevedo, com uma única poesia, intitulado *Estão batendo à porta* [Estão batendo na porta]. As crianças amam. (Influenciadora digital ET)*

Nesse *post*, o primeiro parágrafo é uma citação da cientista Sally Shaywitz, pesquisadora e professora da Universidade Yale. Ela ficou conhecida na área da dislexia, a partir do livro *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*, publicado em 2006. A influenciadora digital ET inicia o *post* com uma citação de Shaywitz, portanto usa as palavras de uma autoridade científica e, em seguida, apresenta sua opinião com base na sua experiência profissional no tratamento da dislexia. Tais noções sugerem que o saber advindo da experiência se apresenta intercambiado pelo conhecimento biomédico.

Na comunidade *amigosedislexia.com*, identificamos que alguns sujeitos investigados, especialmente os ‘influenciadores digitais’, assumem uma postura de paciente *expert* sobre dislexia. Segundo Garbin, Pereira Neto e Guilam (2008), trata-se de “[...] um paciente que busca informações sobre diagnósticos, doenças, sintomas, medicamentos e custos de internação e tratamento” (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008, p. 581). Ele tenderia a apresentar uma postura proativa em relação ao seu quadro clínico, desfrutando de uma maior autonomia e poder de decisão sobre sua saúde devido às informações que acessa na *web* (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008). Nessa perspectiva, os autores das publicações analisadas não apenas compartilham informação advinda da experiência de conviver com dificuldades de aprendizagem, como também buscam informações e conteúdos sobre os seus direitos e os meios de ampliação do atendimento de suas necessidades, mostrando-se pacientes *expert* em relação a sua condição.

O perfil ‘alteridade’

A quarta e última categoria foi denominada ‘alteridade’. Ela agrupa publicações que indicam como os sujeitos da comunidade virtual produzem sentidos sobre sua condição de disléxico e como isso está relacionado com suas identidades.

Foi possível identificar, em algumas postagens, que os influenciadores digitais utilizavam termos do vocabulário médico e biológico como maneira de se referir a si mesmo ou para construir a ideia de uma diferença particular e relacionada às pessoas que partilham da mesma condição. Nesse sentido, os conteúdos dessas publicações apontam que há uma busca de construção da alteridade por partes dos sujeitos.

Nesse perfil, identificamos que termos científicos como ‘cérebro’ e ‘dislexia’ são utilizados para referenciar aspectos pessoais, modos de descrição de si e expressão de valores identitários. As dificuldades de memorizar sequências e características, ler devagar, ter pensamentos inovadores e ser persistente diante de desafios perpassaram o aspecto corporal, como sujeitos disléxicos.

Em nossa investigação, identificamos indícios da construção de alteridade nas publicações analisadas caracterizada pelo processo de bioidentidade. Isso pode ser observado na seguinte postagem:

*Eu sou ET, tenho dislexia. A música Maria de Milton Nascimento poderia ser o hino dos
DISLÉXICOS. A marca não está na pele e sim no cérebro.
Maria, Maria " Dislexia, Dislexia"
Um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma "pessoa" que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
"É o esforço de se superar" com suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter gana sempre
Quem traz "cérebro" essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida. (Influenciadora digital ET)*

No trecho, é possível identificar o modo como a influenciadora digital entende e expressa sua identidade relacionada à dislexia. Ela correlaciona haver uma diferença corporal que marca a relação do sujeito disléxico, relacionada especificamente ao cérebro. A canção é utilizada para compartilhar a noção de que disléxicos apresentam uma atipicidade no funcionamento cerebral. Associado a isso, diferenças pessoais são comparadas às palavras da canção como 'dom', 'certa magia' e 'força', misturando momentos de dor e alegria.

Tais formas de representação apontam características do processo de subjetivação intermediado pelo consumo do conhecimento especializado. Nesse contexto, a construção da alteridade é atravessada pela bioidentidade (ORTEGA, 2003). Segundo Ortega (2003), diferentes atores políticos e autoridades mobilizam-se para intervir na vitalidade humana, interpelando formas de pensar e agir sobre o processo de nascimento, saúde, comportamento, adoecimento e morte. O acesso a esse tipo de conhecimento configura-se num modo singular de explicação e entendimento das próprias identidade e biografia, marcadas pelos aspectos corporais explicados a partir da ordem biomédica chamada "bioidentidade" (ORTEGA, 2003, p. 60). Desse modo, o gerenciamento das populações por parte do Estado e as práticas de ascetes individuais estão estruturados como legítimos, configurando um sistema sofisticado de subjetivação individual e coletiva. Entendemos que o perfil de comunicação da alteridade seja representativo desse fenômeno social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cena contemporânea caracteriza-se pelo intenso consumo e pela circulação de conhecimento biomédico. Nesse contexto, a dislexia e o seu diagnóstico estão envolvidos em embates e divergências científicas, nos quais a medicina desempenha um papel fundamental. Diante disso, a pesquisa buscou investigar as interações e os sentidos presentes em uma comunidade virtual sobre dislexia.

No material observado, uma parcela das publicações abordava a questão sobre o diagnóstico, o tratamento e os sintomas da dislexia. Algumas postagens apresentavam dúvidas sobre que profissional poderia diagnosticar a condição disléxica. Outras estiveram relacionadas à busca de informações sobre avaliação multidisciplinar no Sistema Único de Saúde (SUS) e ao impacto das dificuldades de aprendizagem em tarefas cotidianas e no exercício laboral. Também identificamos publicações

solicitando ajuda sobre possíveis comorbidades biomédicas, como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e autismo.

Neste trabalho, aprofundamos a análise e a discussão nos *posts* dos integrantes ET, MC e DX, que consideramos “influenciadores digitais” (KARHAWI, 2016, p. 40). Eles representaram as principais referências em termos de publicações.

A partir do referencial da análise de conteúdo, identificamos quatro perfis de atuação: ‘acolhedor’; ‘poster cidadão’; ‘clínico/especialista’; e ‘alteridade’. Tais perfis expressam os diferentes modos que os “influenciadores digitais” (KARHAWI, 2016, p. 40) encontraram para tecer interlocuções no ambiente *on-line* e negociar sentidos sobre as experiências e os entendimentos da dislexia.

A comunidade virtual *amigosedislexia.com*, objeto de nosso estudo, é um espaço de comunicação em rede sobre uma condição específica que reúne interessados sobre o assunto. Ao analisar algumas publicações realizadas nessa página, identificamos que tal comunidade configura-se em um lugar profícuo para o compartilhamento das vivências cotidianas, das dificuldades de aprendizagem decorrentes da condição disléxica. A dimensão da experiência observada no ambiente *on-line* remete à figura do especialista em experiência e do paciente *expert*, uma vez que os participantes desenvolvem conhecimentos a partir da experiência de conviver com a dislexia e de procurar ativamente informações sobre ela, sobretudo nas mídias digitais (FROSSARD; DIAS, 2016; GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008).

Também identificamos que os influenciadores dessa comunidade buscam informações *on-line* para entender e procurar resolver os problemas associados às suas necessidades educacionais. Assim, as concepções que desenvolvem sobre sua condição estão atreladas a essa prática de consumo informacional. A partir do conteúdo que acessam, das informações que compartilham e de sua experiência com as dificuldades de aprendizagem, eles constroem novos significados sobre alteridade. A pesquisa na comunidade virtual possibilitou compreender o papel que a denominação ‘dislexia’ tem na vida dos sujeitos e a relação deles com o contexto sociocultural e os padrões de educação e aprendizado vigentes.

A dislexia está associada ao desvio da norma social. Essa situação produz uma série de consequências sociais, incluindo a convivência com estigmas. Nesse sentido, as publicações analisadas apontaram o impacto que tais estigmas têm na vida dos sujeitos ou tiveram em sua trajetória de aprendizagem. Como observado neste estudo, as comunidades virtuais se configuram como lugar favorável e confortável para os indivíduos que apresentam uma determinada doença ou condição de saúde e demais interessados, visto que nesses espaços é possível se relacionar e compartilhar experiências da sua condição de doente (FERNANDES; CALADO; ARAUJO, 2018).

Em muitas postagens, foi possível identificar que a condição de dislexia foi associada a metáforas por parte dos sujeitos influenciadores. Segundo Sontag (2007), a doença também pode ser vivenciada como uma metáfora, que denota estereótipos, sentimentos e representações sociais. Nesse sentido, foi possível identificar que, na comunidade *amigosedislexia.com*, os integrantes sentiam-se à vontade para compartilhar suas experiências e utilizavam metáforas em seus relatos como uma forma de ressignificar os valores negativos da dislexia.

Cabe destacar que, nas postagens dos ‘influenciadores digitais’, o fracasso escolar não foi atribuído às condições da escola, como gestão administrativa, currículo, autonomia pedagógica, falta de recursos, entre outros aspectos. Isso sugere que os influenciadores estão próximos a uma racionalidade neoliberal, pautada na responsabilização pessoal da saúde e na gestão dos riscos. Corroborando com a perspectiva de Lurengo (2010), tal postura adotada pelos ‘influenciadores digitais’ caminha para reiterar processos e ideais nos quais o poder público deixa de ser o responsável pela melhora das condições e pela qualidade das políticas educacionais. Essa posição exclui também a responsabilidade do Estado na redução das desigualdades

sociais que estão implicadas no aprendizado e no ensino escolar, como histórico de letramento familiar e das condições de vida e trabalho (DOURADO; OLIVEIRA; SANTOS, 2007; PATTO, 2002).

Além da ausência de uma discussão sobre o panorama político, econômico e social do processo educativo, observamos nas postagens dos ‘influenciadores digitais’ que algumas publicações se referiam às garantias jurídicas e à legitimidade das necessidades especiais de ensino no caso da dislexia, sem apresentar um debate sobre educação inclusiva e incremento da qualidade de ensino.

Nesse cenário, tanto os sujeitos considerados disléxicos quanto os profissionais da saúde e da educação precisam se debruçar mais sobre as controvérsias científicas em torno do conceito de dislexia. Cabe aos campos do conhecimento não somente investigá-lo e debatê-lo, mas também construir alternativas para responder de forma eficaz e efetiva aos problemas de linguagem e de aprendizagem de longa duração. Isso é importante, pois há efeitos concretos e objetivos na vida dos indivíduos que passam por dificuldades de aprendizado. Como verificado na comunidade virtual, os sujeitos vivenciam o sofrimento por não atenderem à expectativa normativa de ensino. Nosso estudo visou, portanto, contribuir para o debate acadêmico sobre esse tema, sem pretender fechar questões ou esgotar outras possibilidades de análise e discussão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luciana Mendonça *et al.* Introdução à dislexia do desenvolvimento. *In*: ALVES, Luciana Mendonça; MOUSINHO, Renata; CAPELLINI, Simone Aparecida (org). **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 21-40.

AMIGOSDISLEXIA: grupo público. São Paulo, 21 julho de 2011. Facebook: amigosedislexia.com. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/182684205127225/about>. Acesso em: 22 mar. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (ABD). Como é feita a intervenção? **ABD**, São Paulo, 19 set. 2016. Disponível em: <https://www.dislexia.org.br/como-e-feita-a-intervencao/>. Acesso em: 26 maio 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Extraordinária, realizada nos dias 06 e 07 de abril de 2016 [...]. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 98, p. 44, 7 abr. 2016. Seção 1. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 25 mar. 2022.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp0630a>. Acesso em: 5 jun. 2020.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/WBbs9fZBDrM3c3x4bDd3rc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 mar. 2021.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

CAPONI, Sandra *et al.* (org.). **Medicalização da vida: ética, saúde pública e indústria farmacêutica**. Palhoça: Editora Unisul, 2010.

CASTIEL, Luis David; VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto. A interface internet/s@úde: perspectivas e desafios. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 7, n. 13, p. 47-64, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832003000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Stkz8B3WwmmLkmRcFhFhmFh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2020.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.BR). **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2019**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

CONRAD, Peter. Medicalization and Social Control. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 18, p. 209-232, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.so.18.080192.001233>. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.so.18.080192.001233>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CONRAD, Peter; BARKER, Kristin. A construção social da doença: *insights*-chave e implicações para política de saúde. **Ideias**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 183-219, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649322>. Acesso em: 25 abr. 2020.

CORRÊA, Luisa Motta; LIMA, Rossano Cabral. O transtorno bipolar na rede: a construção do diagnóstico em um grupo *on-line*. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p. 1-25, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312018280406>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/Ht3GqPtHFkDXSXRBJNBqw7c/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2020.

CZERESNIA, Dina; MACIEL, Elvira Maria Godinho de Seixas; OVIEDO, Rafael Antonio Malagón. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de; SANTOS, Catarina de Almeida. **A qualidade da educação**: conceitos e definições. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

ENEM Digital 2020 não terá acessibilidade para disléxicos (apenas no impresso). [S. l.], 07 maio 2020. Facebook: amigosedislexia. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/182684205127225/posts/3234378363291112>. Acesso em: 25 mar. 2022.

FERNANDES, Larissa; CALADO, Camila; ARAUJO, Claudia. Redes sociais e práticas em saúde: influência de uma comunidade *on-line* de diabetes na adesão ao tratamento. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.14122018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tvQDJQHPxrQgdHd4mCKnHw/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FOX, N. J.; WARD, K.; O'ROURKE, A. The 'expert patient': empowerment or medical dominance? The case of weight loss, pharmaceutical drugs and the internet. **Social Science & Medicine**, Oxford, v. 60, n. 6, p. 1299-1309, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2004.07.005>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15626525/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

FREIRE, Regina Maria. A metáfora da dislexia. In: LOPES FILHO, Otacílio (org). **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 1997. p. 925-937.

FROSSARD, Vera Cecilia; DIAS, Maria Clara Marques. O impacto da internet na interação entre pacientes: novos cenários em saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 349-361, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.1334>. Disponível em: <https://scielo.br/j/icse/a/Xj5Hwb9FQG3G6D8xDWZ3XWJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2020.

GARBIN, Helena Beatriz da Rocha; PEREIRA NETO, André; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 12, n. 26, p. 579-588, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000300010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/TPC5B5678dnn9YXBFD3KkrK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2020.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Sueli F.; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes. 2016. p. 79-106.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2019.

HESSE, Bradford W. *et al.* Social participation in health 2.0. **Computer**, Long Beach, v. 43, n. 11, p. 45-52, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1109/mc.2010.326>. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/document/5632036>. Acesso em: 22 mar. 2022.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: SAAD-CORRÊA, Elizabeth; SILVEIRA, Stefanie C. da (org.). **Tendências em comunicação digital**. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 38-59. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/9788572051569>. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/87/75/365>. Acesso em: 22 mar. 2022.

LAMEGO, Denyse Telles da Cunha.; MOREIRA, Marta Christina Nunes. O diagnóstico como “passaporte” para reconhecimento e significado das experiências na dislexia. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, v. 29, n. 3, p. 1-22, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290311>. Disponível em: 21 mar. 2022.

LIMA, Luciana Piazzon Barbosa; OYADOMARI, Winston. Internet e participação cultural: o cenário brasileiro segundo a pesquisa TIC Domicílios. **Internet & Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 38-63, 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Internet-e-participac%C3%A7%C3%A7o-cultural.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2020.

LURENGO, Fabiola Colombani. **A vigilância punitiva**: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MASSI, Giselle; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 403-411, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/jMPbvDzPbLRNGHt3NF8WZVD/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2020.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes-Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 5 jun. 2020.

NÃO sei tratar as palavras com zelo. [S. l.], 07 jul. 2020. Facebook: amigosedislexia. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/182684205127225/posts/3395013800560900>. Acesso em: 25 mar. 2022.

ORTEGA, Francisco. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 59-77, 2003. Disponível em: http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2003_1/artigos/2003_1%20Ortega.pdf. Acesso em: 22 set. 2020.

ORTEGA, Francisco. Elementos para uma história da neuroascese. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 621-640, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000300003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/pMWfvZSJwCwDHXtCRkMjhXS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2020.

PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

PEREIRA NETO, André *et al.* O paciente informado e os saberes médicos: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 1653-1671, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000500007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/NMrcHvYypNG3sFQmvYwv4vR/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2020.

PEREIRA NETO, André *et al.* Internet, expert patient, and empowerment: activity profiles in virtual communities of chronic kidney patients. In: PEREIRA NETO, André.; FLYNN, Matthew B. (ed.). **The Internet and health in Brazil**: challenges and trends. Cham: Springer Nature, 2019. p. 87-111. DOI: http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-99289-1_6. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-99289-1_6. Acesso em: 22 mar. 2022.

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. **Revista de Ciências Sociais Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 24, p. 27-57, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6600>. Acesso em: 13 abr. 2020.

RAMOS, Juliana; PEREIRA NETO, André; BAGRICHEVSKY, Marcos. Cultura identitária pró-anorexia: características de um estilo de vida em uma comunidade virtual. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 15, n. 37, p. 447-460, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011005000018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/yRS6fbtKDrcYxRS6s3NzpZM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2020.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

ROTTA, Newra; PEDROSO, Fleming. Transtornos da linguagem escrita: dislexia. In: ROTTA, Newra; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar. (org.). **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 133-147.

RUBINO, Rejane. Sobre o conceito de dislexia e seus efeitos no discurso social. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 88-97, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v13n24/a07v1324.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SANCHES, Valéria Nogueira Leal; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Estudo sobre o processo de medicalização de crianças no campo da saúde mental. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p. 506-514, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140047>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/ndTy5YqQ6wC958FwyK6Xj6v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SANTOS, Gabriela Silva dos *et al.* Reflexões sobre o uso das redes sociais virtuais no cuidado às pessoas com doença crônica. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v. 11, n. 2, p. 724-730, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11992>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia**: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SIGNOR, Rita. Dislexia: uma análise histórica e social. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 4, p. 971-999, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-639820158213>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/MMgbKBpSWsSqcDnh8sYxBrB/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SNOWLING, Margaret J. **Dislexia**. São Paula: Santos Livraria e Editora, 2004.

VALETT, Robert E. **Dislexia**: uma abordagem neuropsicológica para educação de crianças com graves desordens de leitura. São Paulo: Manole, 1990.

VIAGEM dentro da dislexia. [S. l.], 20 mar. 2020. Facebook: amigosedislexia. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/182684205127225/posts/3234378363291112>. Acesso em: 25 mar. 2022.

VIDAL, Fernando; ORTEGA, Francisco. **Somos nosso cérebro?** Neurociências, subjetividade e cultura. São Paulo: Hedra, 2019.